

**EFEITOS DA COVID-19 SOBRE O COTIDIANO DE MORADORES/AS DE UM
BAIRRO DE OLINDA-PE: ENSAIO SOBRE AGÊNCIA E PESQUISA ONLINE¹**

***Effects of covid-19 on the daily life of residents of a neighborhood in
Olinda-PE: essay on agency and online research***

Gabriel Ferreira de Brito

Doutorando no Programa de Pós-Graduação de Antropologia da Universidade Federal de
Pernambuco (UFPE), Brasil.

Email: gabrielmop@hotmail.com

Áltera, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.178-185, outubro 2020

ISSN 2447-9837

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de
Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

RESUMO:

Este ensaio reflete sobre o tema da agência não humana a partir de uma pesquisa de doutorado, em andamento, cujo objetivo é investigar os impactos ou efeitos da covid-19 sobre os hábitos cotidianos, interações sociais e interações humano-ambiente de munícipes olindenses do bairro de Ouro Preto, Pernambuco. Tomando o debate sobre agência entre Alfred Gell, Tim Ingold e Bruno Latour, sugere-se que o assunto pode subsidiar pesquisa online, principalmente diante de um período de pandemia e isolamento social.

PALAVRAS-CHAVE:

Ouro Preto/PE. Covid-19. Agência.
Etnografia online.

ABSTRACT:

This essay reflects on the theme of a non-human agency from an ongoing Ph.D. research whose objective is to investigate the impacts or effects of covid-19 on the daily habits, social interactions, and human-environmental interactions of residents of Ouro Preto, Pernambuco. Taking the agency debate between Alfred Gell, Tim Ingold, and Bruno Latour, suggested that the subject can subsidize online research, especially in a period of pandemic and social isolation.

KEYWORDS:

Ouro Preto/PE. Covid-19. Agency.
Online Ethnography.



INTRODUÇÃO

Este ensaio reflete sobre o tema da agência não humana a partir de uma pesquisa de doutorado, em andamento, cujo objetivo é investigar os impactos ou efeitos da covid-19 sobre os hábitos cotidianos, interações sociais e interações humano-ambiente de munícipes olindenses do bairro de Ouro Preto, Pernambuco. Neste ensaio, analisa-se apenas um caso dos quatro casos inicialmente constituintes do material empírico da pesquisa, a saber, trata-se de análise de conversas mantidas pela observação participante online de quatro famílias em seus usos de plataformas digitais ou redes sociais. Aqui, analisa-se o caso de uma interlocutora.

Como dito: o campo está sendo “abordado” *online* e presencialmente. Mas ao invés de caminhar para a *netnografia* ou pesquisas “no” *cyberespaço*, como foi pensado no planejamento inicial desta pesquisa depois que a covid-19 “chegou” ao Brasil, no mês de março, foi decido fazer apenas uma pesquisa parcialmente *online*. É preciso dizer que Ouro Preto é o segundo maior bairro da cidade de Olinda, atrás apenas do bairro de Rio Doce. Já em comparação com outras cidades, Olinda é a terceira maior do estado de Pernambuco, tendo 397.268 habitantes até o último censo. Ela tem, inclusive, a quinta maior densidade demográfica por quilômetro quadrado do Brasil, com 9.122,11 habitantes por quilômetro quadrado; 98% do território de 43,55 km² é urbanizado, ou seja, 36,73 km² urbanizado e apenas 6,82 km² são de área rural¹.

Já em relação à pandemia de covid-19, até o dia 28 de maio de 2020 foram registrados 2,308 casos confirmados, 164 óbitos, 1200 descartados e, até aquele momento, 435 casos sendo investigados na cidade. Dos 34 bairros que fazem parte do município, apenas 4 bairros têm mais de 200 casos confirmados, mas Ouro Preto fica em segundo, com 228, e Rio Doce em primeiro, com 310; já Peixinhos, que fica relativamente próximo a Ouro Preto, tem 208 e Jardim Atlântico, também próximo ao bairro de Ouro Preto, fica em quarto lugar com 201 casos confirmados. São 20 óbitos em Ouro Preto, Rio Doce tem menos, são 17, contra 23 em Peixinhos e 10 em Jardim Atlântico².

¹ Fonte: Prefeitura de Olinda. Disponível em: <https://www.olinda.pe.gov.br/a-cidade/olinda-em-dados/>. Acesso: 30 mai. 2020.

² Fonte: Boletim epidemiológico da Secretaria de Saúde de Olinda. Disponível em: <https://www.olinda.>



METODOLOGIA E TEORIA EM UM TEMPO “EMERGENTE”

A primeira reflexão sobre o campo foi sobre os limites da observação e, portanto, da coleta de dados. Mas ficou decidido que seria uma pesquisa *online* da comunidade de Ouro Preto, não uma pesquisa da comunidade *online*, como ocorreria numa *netnografia* (KOZINETS, 2014). Com isso em mente, recorreu-se a um recorte temporal: “vivendo a pandemia” e “o mundo depois de amanhã” (trocadilho com o período pós-pandemia esperado/desejado). O primeiro momento, então, é o que importa para este ensaio. Então vejamos o caso de Gabriela Oliveira (nome fictício). Trata-se de uma mulher de 32 anos de idade, descendente de italianos, arquiteta, moradora de Ouro Preto e mãe de uma menina de 10 anos. Ela é um ótimo exemplo do uso da tecnologia comunicacional no momento da pandemia. Vejamos como ela responde, após quase dois meses de conversas informais e descontraídas via Instagram e WhatsApp sobre o seu uso de redes sociais:

Pesquisador - Bom dia, Gabriela. Quando puder, me fala um pouco sobre o Instagram pra tua vida. Por acaso vi que tu tem outra conta. Bati um papo com Joana ontem [amiga de Gabriela] [...] e aí surgiu essa questão do significado do Insta...

Gabriela - Insta' é minha ferramenta de trabalho antes de tudo. Em segundo plano é uma plataforma de diversão, meio álbum de fotografia. E agora com a pandemia e [sic] uma vitrine pra conhecer gente até kkkk. E ver como andam as pessoas por aí trancadas³.

Se, ao menos no momento do isolamento, a etnografia online parece bastante apropriada, resta uma questão teórica: o uso das tecnologias comunicacionais poderia se dar a partir de uma abordagem que renovasse o debate da agência não humana na mesma medida em que contribuisse para a construção da pesquisa? A primeira questão que se coloca é sobre a própria definição de agência. Alfred Gell (2018[1998]) contribuiu com sua teoria da arte, basicamente, dizendo que abordar a agência significa olhar para como, em uma situação dada, ocorre uma relação em que a agência aparece na interação entre as partes envolvidas (humanos ou não humanos). O que significa que a agência pode ser entendida como o que emerge da

pe.gov.br/wp-content/uploads/2020/05/Boletim-epidemiol%C3%B3gico_n69_28.05.20.pdf. Acesso em: 30 mai 2020.

³ Conversa registrada no dia 29 de maio às 10h, via Instagram.



interação entre as partes envolvidas diante de uma situação específica (não fazendo sentido nos perguntarmos, por exemplo, se uma mina terrestre é um agente ou o soldado que a implantou)⁴.

No entanto, o também britânico, Tim Ingold, critica a ideia de agência gelliana, mas não apenas (INGOLD, 2012). Para ele, tanto Gell quanto para Latour, e sua teoria do ator-rede, estão enganados ao acreditar que um objeto pode possuir agência. Ao invés disso, ele sugere o conceito amplo de “coisa”, de movimento e de vida. Assim, sai agência, entra “vida”; a vida opera em fluxo, sempre em movimento, mas os objetos estão “mortos”, fora desse fluxo (“como podem ter agência sem movimento?”). São os fluxos, como “malhas” se tecendo, que permitem com que as coisas produzam esse movimento, esses fios de vida.

Se Ingold (2012), portanto, está certo – e isso significa levar em conta que ele está em diálogo, assim como Latour, com a filosofia “vitalista” de Gilles Deleuze e Félix Guatarri (2004; [1972]) -, então, devemos abandonar a agência dos objetos. O que é curioso é que Deleuze e Guatarri, que falavam de fluxos, e máquinas desejantes, posteriormente passaram a utilizar o conceito de agência (“máquina” e como “enunciados linguísticos”) (MOSFATA, 2015, p. 47). O que quer dizer que Ingold dialoga com a filosofia dos dois, mas precisa abrir mão de ambos os autores quando o assunto é agência – por mais que os dois não tenham desenvolvido com pormenores a “parcela” não humana nesta agência como o fazem com a questão dos enunciados linguísticos da ação.

Já para Latour (2012), não tem “tempo ruim”, um agente (actante) é um “fazer-fazer” (se você acende um cigarro, o cigarro faz fumar, e vice-versa; assim como um prego não “prega” se você não tiver um prego). Neste sentido, há semelhança entre Latour e Gell, mas não entre Latour e Ingold. Para Latour (2012), a descrição etnográfica possibilita a produção de um relato textual que figura (representa) a realidade no formato de rede. A rede não existe, não é uma “coisa”, apenas um modo de figurar os objetos e a ação. Assim, quando falamos em ação, basta saber quais elementos

⁴ Gell (2018) dá o exemplo de um soldado que instalou minas terrestres em certa época. Não é seu “uso” da mina que o torna agente, nem a mina seria um agente somente porque ela “explode” quem a pise: a agência se encontra nessa relação em que um soldado é esse ser *com a mina*, capaz de manejá-la, instala-la etc. A ação, aqui, está na relação, independente de “onde está a intenção”, se no soldado ou na mina.



participam deste “faz fazer” o quê e, por conseguinte, devemos registrar quais transformações a ação sofreu em algum momento observado (Cf. LATOUR, 2001; 2000; 2012).

Ainda com Latour (2001), é possível descrever a ação como distribuída entre os agentes e, assim, no exemplo de uma mediação *sociotécnica*, humanos e não humanos, tal como descrevemos com Gell (2018), precisam ser observados “na construção” de uma sequência em que os objetivos (interesses) fazem com que um agente passe por um desvio e “alície” outro agente, humano ou não, fazendo com que se alcance o objetivo. Vejamos o exemplo de Gabriela, a partir de sua fala anterior: se a covid-19 gerou um impacto no cotidiano de Gabriela, que mantinha um escritório de arquitetura, mas agora está em isolamento, é preciso então presumir que a agência relativa a esse impacto surge quando ela e o computador, cada qual com suas competências, *inter-agem*, resultando na manutenção da renda de Gabriela (lembrar que ela disse que o Instagram era uma ferramenta de trabalho para ela). A questão, então, é se essa participação da tecnologia aparece como agência, de um ponto de vista analítico, ou não. Se Ingold (2012; 2015) estiver correto em suas críticas, não há agência, apenas fluxos de vida postos em movimento, a partir da materialidade das “coisas” e linhas de força, energia. Mas se ele estiver errado?

CONCLUSÃO

Recolocar o problema da agência parece importante em um momento de crise política e de saúde mundial. Retomando o caso de Gabriela, como podemos observar sua ação e responder: há agência em seu consumo de dados de *Internet* tanto quanto, para Gell, haveria agência em uma obra de arte? Em caso negativo, surge outra questão teórica pertinente: se Gabriela usa o Instagram, mas não somente, como *home office*, conseguindo, assim, manter sua renda, e se devemos descartar a agência não humana, com quais abordagens teórico-metodológicas faz mais sentido lidar com esta inevitável participação de tecnologias e artefatos técnicos diante da pandemia? Afinal, o mínimo que se pode antecipar é que, aqui, tais *presenças* não serão subestimadas.



Por último, é importante destacar duas coisas. Primeiro: o presente ensaio, por questões de espaço, precisou ser econômico nos exemplos, analisando apenas uma conversa com Gabriela. No entanto, a conversa já permite identificar dois usos que o Instagram possui para ela: ele é trabalho e, segundo, entretenimento. Ao falar em agência, portanto, o objetivo é demonstrar como, neste caso, temos a presença da Rede Social, e seu intermediário (celular, *tablet* ou computador) fazendo Gabriela trabalhar e se entreter. É disto que decorre a ideia de que existe agência não humana.

Em segundo lugar: em alguns dos outros casos da pesquisa que subsidia este ensaio, *home office* não era uma alternativa. O que aponta para um tema caro às ciências humanas e sociais: a desigualdade social. Tal tema, sem dúvida, já vem sendo investigado conforme a pesquisa avança. Este ensaio apenas tentou contribuir para pensar em etnografias em tempos de isolamento social, com base na pesquisa online com ênfase na agência não humana.



REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Joana Moraes Varela e Manuel Maria Cariilho. Lisboa: Assírio & Alvin, 2004.

GELL, Alfred. **Arte e agência (Coleção Argonautas)**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. Ubu Editora (Kindle), 2018 [1998].

INGOLD, Tim. **Estar vivo: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição**. Tradução de Fábio Creder, Petrópolis: Vozes, 2015.

INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n 37, p. 25-44, jan./jun.2012. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002>. Acesso em: 27 dez. 2017.

KOZINETS, Roberts. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Tradução de Daniel Bueno. Porto Alegre: Penso, 2014.

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Tradução de Gibson César Cardoso de Sousa. Bauru: Edusc, 2001. (Coleção filosofia e política).

LATOUR, Bruno. **Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

LATOUR, Bruno. **Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos**. Tradução Alexandre Agabiti Fernandez, Petrópolis: Vozes, 2019. Coleção Antropologia.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede**. Salvador, EDUFBA, 2012; Bauru: Edusc, 2012.

MOSTAFA, Solange Puntel. A antivirada linguística de Gilles Deleuze e sua importância para a educação. **Rev. Contrapontos** (ele.), v. 15, n. 1. Itajaí, jan-abr. 2015. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/277361703_A_ANTIVIRADA_LINGUISTICA_DE_GILLES_DELEUZE_E_SUA_IMPORTANCIA_PARA_A_EDUCACAO. Acesso em: 30 mai 2020.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 04/10/2020

